



EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: APROXIMAÇÃO COM COMUNIDADES TRADICIONAIS QUILOMBOLAS DE SÃO LOURENÇO DO SUL/RS EM TEMPOS DE PANDEMIA

MACLEIDI DA LUZ¹;
DALILA ROSA HALLAL²

¹Universidade Federal de Pelotas – macdaluz@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – dalilahallal@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho versa sobre a minha experiência enquanto bolsista do projeto de extensão “Educação para o Turismo” do curso de Turismo da Universidade Federal de Pelotas/UFPEL. Os objetivos do projeto bem como os objetivos deste trabalho são: promover a aproximação, o diálogo e a troca de conhecimentos entre a academia e as comunidades tradicionais e locais; somar o conhecimento científico aos conhecimentos tradicionais e locais; identificar os fazeres e saberes destas comunidades e trazê-las para dentro da universidade a fim de discutir temas relacionados ao turismo, uma vez que este não deve ser entendido, apenas, como potencial econômico e sim englobar o seu valor social, cultural e ambiental, através da educação.

[...] para que o turismo seja compreendido enquanto instrumento de educação, de formação crítica e consciente, é primordial o reconhecimento da sua natureza social e dos aspectos que lhe dão essa condição de agente sócio-transformador. A exemplo da sua dinamicidade, e interdisciplinaridade, que lhe permitem abarcar elementos inerentes a cultura e a diversidade, e construir diálogos diretos com diferentes áreas do conhecimento, como a educação por exemplo. (SOUZA; DA SILVA, 2010, p. 3)

No entanto, tendo em vista o atual cenário imposto pela pandemia foi preciso reformular as ações do projeto. Assim, a primeira ação do projeto foi repensar novas formas de viabilizar o diálogo e a troca de conhecimentos entre a academia e as comunidades. Passamos a analisar e explorar formas mais dinâmicas de compartilhamento dos saberes, num intercâmbio entre universidade e comunidades, utilizando as plataformas digitais.

Depois de várias discussões e reuniões optou-se, por trabalhar junto e com duas comunidades quilombolas do interior do município de São Lourenço do Sul/RS, Comunidade Quilombola Vila Torráo e Comunidade Coxilha Negra. Uma vez que o município tem uma predominante cultura alemã que acaba ocultando a cultura afro. Acreditamos que este é um passo importante para fortalecer a identidade desses territórios, além de ser uma experiência que vem trazendo descobertas enriquecedoras para mim, pois nasci e me criei em São Lourenço do Sul e até então tinha pouco conhecimento do que tem sido feito nestas comunidades. Ressaltamos que, atualmente, existem seis comunidades quilombolas em São Lourenço do Sul.

Sendo assim, vamos nos deter em descrever as ações que vêm sendo realizadas no projeto, bem como os caminhos alternativos encontrados para as ações extensionistas diante do isolamento social.

2. METODOLOGIA

Foi proposto leituras sobre os seguintes temas: educação, saberes tradicionais, comunidades tradicionais, educação para o turismo e turismo. Logo após, em reuniões *on-line*, juntamente com demais colegas e a coordenadora, foram realizadas discussões sobre os textos. Conforme o andamento do projeto, *sites*, artigos, vídeos, para pesquisa são indicados. Posteriormente, começamos as tentativas de contato com membros destas comunidades, através da indicação de outras pessoas via facebook. A partir daí as conversas têm sido via whatsapp e Messenger. As informações foram levantadas a partir da pesquisa, por meio de entrevistas virtuais com moradores das comunidades, pesquisa documental (reportagens e vídeos), e pesquisa bibliográfica focalizando trabalhos que foram realizados junto a essas comunidades.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em um primeiro momento, procuramos informações na internet sobre as comunidades quilombolas existentes em São Lourenço do Sul e estudos que já haviam sido realizados sobre a Comunidade Coxilha Negra e a Comunidade Vila Torráo.

Segundo o Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA), 2010 a comunidade da Coxilha Negra, está localizada no 6º distrito do município de São Lourenço do Sul, abrigando 30 famílias em 55 hectares de terra, sendo 30 hectares com títulos. Hoje são aproximadamente 36 famílias, de acordo com uma moradora da comunidade. Ao passo que a Comunidade Quilombola Vila Torráo está localizada no 7º distrito, Canta Galo, do Município de São Lourenço do Sul-RS, composta por 19 famílias em uma área de 7 hectares, de acordo com levantamento do CAPA, 2010. Atualmente são 26 famílias que vivem ali, segundo a presidente da associação da comunidade.

Identificamos algumas pessoas, que conhecem antigos e atuais moradores das comunidades para realizar os primeiros contatos. Esses interlocutores têm permitido as interações neste momento de isolamento social, pois nem todos os moradores destas comunidades têm acesso à internet e dispõem de tecnologia que permita contatos via Skype, por exemplo. Assim, contatos estão sendo realizados via Messenger e whatsapp. A partir das narrativas, identificamos que o artesanato é um aspecto destacado por ambas as comunidades. As atividades artesanais têm se constituído ao longo do tempo como uma das principais fontes de subsistência para comunidades tradicionais rurais. Na Comunidade Vila Torráo foram citados os balaios feitos com cipó pelos homens e as colchas de retalhos e outros objetos de palha de milho confeccionado por mulheres.

Figura 1: Balaaios feitos com cipó



Fonte: Arquivo pessoal de Márcia Quevedo

Já na Comunidade Coxilha Negra, foram citadas as bonecas negras de pano feitas por mulheres como uma forma de representatividade para crianças negras e o resgate da identidade da cultura afro.

Figura 2: Bonecas negras de pano



Fonte: Artesã bonequeira Adriana S. Ferreira

No artesanato estão incluídas atividades econômicas (trabalho e geração de renda) e fatores culturais, seja na forma de conteúdos do patrimônio material (produtos, utensílios e demais objetos) e imaterial (significados e conhecimentos). O artesanato, como parte ativa e criadora de cultura material, é "movido pela arte do saber e do fazer, influenciado pelo ambiente, pela cultura e pelas tradições locais" (POUSADA, 2005, p. 39).

Desse modo, a atividade artesanal está ligada aos recursos naturais, ao estilo de vida e à prática do comércio.

Todo material coletado (fotos, vídeos, narrativas) será compartilhado com a comunidade acadêmica e o público em geral, por meio de uma exposição virtual na página do projeto com a concordância dos moradores destas comunidades. Assim que possível, se almeja fazer uma visita presencial para conhecer melhor estes locais e ter um contato mais próximo com os moradores.

Outra ação prevista e que está sendo discutida é promover uma roda de conversa via *google meet* sobre e com essas duas comunidades quilombolas, trazendo um membro de cada comunidade para nos contar sobre as histórias, a vida cotidiana, as manifestações culturais e as dificuldades encontradas quando se trata de apoio público e privado para realizar melhorias necessárias, bem como se tem ou não interesse em utilizar o turismo para dar visibilidade a elas e um pesquisador que venha trabalhando na perspectiva do Turismo em Comunidades Tradicionais Quilombolas para que conte suas experiências. Esse diálogo e o processo de troca tende a favorecer uma reflexão a respeito da cultura dessas comunidades que constroem, junto a nós, a sua história.

[...] todos os sujeitos produzem conhecimento e, portanto, todas as pessoas constroem lógicas de interpretação da realidade. Pessoas pertencentes as comunidades tradicionais produzem cotidianamente interpretações e visões de ambiente e de como se relacionam com ele. (QUINTEIRO; FONSECA, 2018, pg. 160)

O diálogo, ainda que de modo virtual, é imprescindível, pois além de mostrar a importância que estas comunidades têm para a sociedade, retoma o sentimento de pertencimento, e fortalece a identidade destes territórios, bem como contribui para a construção de um ensino multi e interdisciplinar e um turismo mais humano. Mesmo de modo *on-line*, nós queremos ouvir estas histórias, de luta; de resistência e sabedoria; conversar sobre coisas do seu cotidiano, da vida social, dos saberes, dos patrimônios, dos lazeres e pensar



novas possibilidades, de forma conjunta, para inserir o Turismo de modo que os moradores sejam os protagonistas e que esta experiência se torne enriquecedora para todos os envolvidos.

4. CONCLUSÕES

O projeto ainda está em andamento e até aqui podemos concluir que, novas formas de aprendizado sempre são importantes e esse contato com as comunidades que a extensão proporciona é uma maneira única de aprender e ensinar, isso é o conhecimento, uma via de mão dupla, que nos tira da bolha acadêmica e nos faz olhar para o outro.

Nas comunidades Vila Torrão e Coxilha Negra, o artesanato pode ser considerado uma das expressões de identidade, pois possuem significados e representam experiências desse povo, constituem-se uma referência para os próprios indivíduos da comunidade.

Poder dialogar com essas comunidades sobre turismo, não disseminando a ideia deste somente com potencial econômico, explorando essas comunidades e trazendo benefícios a terceiros, mas repensar e construir junto e com elas a viabilidade ou não de um turismo ético, mais humano, onde a participação dessas comunidades em todo o processo seja prioritária. Portanto, podemos pensar essas trocas como um veículo de engajamento social, visibilidade e inclusão.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CENTRO DE APOIO AO PEQUENO AGRICULTOR (CAPA). **Revelando os quilombos no Sul**. Pelotas: Centro de Apoio ao Pequeno agricultor. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/CAPA_revelando_os_quilombos_no_sul.pdf. Acesso em: 14 set. 2020.

POUSADA, Carmen. O Brasil dos artesãos. In: LEAL, Joice J. **Um olhar sobre o design brasileiro**. São Paulo: Objeto Brasil e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.

QUINTEIRO, M.M.C., and FONSECA, L.C. **Saberes tradicionais e o desafio da multiculturalidade nas instituições de ensino**. In: SANTOS, M.G., and QUINTERO, M., comps. *Saberes tradicionais e locais: reflexões etnobiológicas* [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018, pp. 148-167. ISBN: 978-85-7511-485-8. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788575114858.0009>. Acesso em: 14 set. 2020.

SOUZA, I.C.A.D.A.S; SILVA, F.d.P.S.d. Educação para o Turismo: uma análise das práticas pedagógicas no ensino fundamental. **IV SEMINTUR–Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL**. Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, RS, 2010. Disponível em: https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/educacao_para_o_turismo.pdf. Acesso em: 14 set. 2020.